

## CIDADES

OF-  
EDUCAÇÃO

Moradores da área rural de Brazlândia vão às ruas pedir transporte para 300 estudantes freqüentarem a escola. Eles precisam andar até cinco quilômetros para chegar à sala de aula

# Protesto por ônibus escolar

Kleber Lima/CB

HELENA MADER  
DA EQUIPE DO CORREIO

**A**falta de transporte escolar tem exposto os estudantes da área rural de Brazlândia a inúmeros riscos. De bicicleta, a pé ou de carona, as crianças precisam fazer um trajeto de até cinco quilômetros para assistir às aulas. As dificuldades levaram vários pais a tirar os filhos da escola, com medo de assaltos e atropelamentos. Na tentativa de encontrar uma solução para o problema, dezenas de famílias fizeram ontem uma manifestação no centro da cidade, em frente ao Caic de Brazlândia. Eles ouviram do gerente regional de ensino, Humberto Lopes, a promessa de que a partir desta semana as linhas que levam os estudantes até a porta do colégio voltam a circular normalmente.

A doméstica Railda Leite da Silva levou um susto quando sua filha de apenas 12 anos chegou em casa chorando no mês passado. A menina, que mora no acampamento Maranata, havia sido abordada por um homem no caminho da escola. Ela correu e se livrou do agressor, mas chegou em casa em choque. Com medo da violência, não vai às aulas há duas semanas. "São duas horas de caminhada e não tenho dinheiro para pagar a passagem de ônibus todos os dias. Achei mais seguro manter minha filha em casa até que este problema esteja resolvido", justifica Railda.

A estudante Priscila Batista dos Santos, 15 anos, começou o 1º ano do Ensino Médio no mês passado.



PAIS E ESTUDANTES FIZERAM UMA MANIFESTAÇÃO EM FRENTE AO CAIC: MEDO DE ASSALTOS E AGRESSÕES

Aluna do Centro de Ensino 1 de Brazlândia, ela ainda não conseguiu se concentrar nos estudos. A única preocupação da menina é como chegar à escola. "Minha mãe está gastando R\$ 9 por dia com passagem para mim e meus irmãos. Até o ano passado, a gente ia de ônibus até o colégio, sem pagar nada", lembra a menina.

O diretor do Conselho Tutelar de Brazlândia, João Marques, organizou a manifestação de ontem. Ele está preocupado com os relatos dos pais de alunos e com a

possibilidade de que muitas crianças, com medo, abandonem as salas de aula. "Os riscos nessa travessia de mais de cinco quilômetros são enormes. Já ouvi relatos de assaltos e de meninas que receberam propostas indecentes. Não podemos deixar esses estudantes correndo riscos", reclama João Marques.

O gerente regional de ensino garante que mais de 300 crianças da área rural da cidade estudam nas escolas de Brazlândia. Ele explica que regiões como Padre Lú-

cio e Maranata fazem parte do município de Águas Lindas (GO) e que o Governo do Distrito Federal (GDF) não pode buscar as crianças de outros municípios. "Autorizamos o transporte até a divisa do estado para resolver o problema dos estudantes. A partir desta semana haverá três ônibus no período matutino e um no vespertino", garante Humberto Lopes.

De acordo com a Secretaria de Educação, 19.679 crianças são atendidas pelo transporte escolar pago pelo governo. O GDF tem

## APRESENTAÇÃO DE PROFESSORES

*Os professores aprovados no processo seletivo para vagas temporárias da Secretaria de Educação devem se apresentar hoje, às 9h, nas gerências regionais de ensino. Um total de 2.080 candidatos foram selecionados. Os convocados se apresentarão, mas não assinarão contratos, porque uma decisão do Tribunal de Justiça do Distrito Federal proibiu que o governo realize seleção para preencher vagas temporárias. "Acredito que a Justiça tome uma decisão favorável nos próximos dias. Os professores estão prontos para entrar imediatamente em sala de aula", explica a secretária de Educação, Maristela Neves.*

dois contratos para garantir 437 ônibus, ao custo mensal de R\$ 1,5 milhão. As áreas rurais são as principais zonas atendidas por esse tipo de transporte. A secretaria tem a obrigação legal de atender os alunos do ensino fundamental de regiões não servidas por ônibus de linhas regulares. "Mas atendemos também estudantes do ensino infantil e médio, quando há dificuldades de acesso à escola", explica Hélvia Paranaú, chefe de gabinete da Secretaria de Educação.